

Eixo temático: Linha 01 – Psicologia da Educação: Processos educativos e desenvolvimento humano. Eixo transversal 01 – Sociedade, pensamento e linguagens.

Categoria pesquisa: Pesquisa concluída.

SALUTOGÊNESE NA EDUCAÇÃO: reflexões teóricas acerca do paradigma salutogênico ampliado pela Antroposofia no campo da Educação Superior.

MARTINS, Maíra de Oliveira

UNESP – Campus Marília.

MORAIS, Alessandra de

UNESP – Campus Marília.

Maira.martins@unesp.br

Resumo: Neste artigo pretendemos abordar o tema da saúde no campo da Educação Superior, questionando: é possível olhar para a educação como promotora de saúde, no âmbito da formação universitária? A partir de uma abordagem teórica, objetivamos argumentar sobre a relação entre a Salutogênese e Educação, ampliando-a pela perspectiva antroposófica. Para tal, iniciamos uma introdução ao paradigma patogênico hegemônico que vigora atualmente, apresentando o paradigma salutogênico como possibilidade. Em seguida, apresentamos a perspectiva salutogênica de Antonovsky, ampliando pela Antroposofia de Rudolf Steiner. Encontramos nestas perspectivas a Pedagogia Waldorf como promotora de saúde, uma vez que abarca a Educação Estética como fundamento, conferindo aos sentimentos uma fonte de captação e integração ao mundo, juntamente com as forças cognitivas e volitivas. Nesse sentido, confere-se saúde, de modo que desenvolve forças que permitem a compreensão, significado e manuseabilidade para o mundo, forças estas concernentes à Salutogênese. No âmbito da formação universitária, argumentamos que a perspectiva antroposófica torna-se uma forma de proporcionar o desenvolvimento saudável na Educação Superior, atribuindo ao pensar criativo uma ferramenta indispensável a esse processo. Ressaltamos, por fim, a importância de pesquisas nessa área, de modo que se evidenciem e enriqueçam as reflexões sobre a prática salutogênica antroposófica no campo da Educação Superior.

Abstract: In this article we intend to address the issue of health in the field of Higher Education, asking: is it possible to look at education as a promoter of health, within the scope of university education? From a theoretical approach, we aim to argue about the relationship between Salutogenesis and Education, expanding it from an anthroposophic perspective. To this end, we begin an introduction to the hegemonic pathogenic paradigm currently in force, presenting the salutogenic paradigm as a possibility. Then, we present Antonovsky's salutogenic perspective, amplified by Rudolf Steiner's Anthroposophy. In these perspectives, we find Waldorf Pedagogy as a health promoter, since it encompasses Aesthetic Education as a foundation, giving feelings a source of capture and integration into the world, together with cognitive and volitional forces. In this sense, health is conferred, so that it develops forces that allow understanding, meaning and handling for the world, forces that concern Salutogenesis. In the context of university education, we argue that the anthroposophic perspective becomes a way of providing healthy development in Higher Education, attributing creative thinking to an indispensable tool in this process. Finally, we emphasize the importance of research in this area, so that reflections on the anthroposophical salutogenic practice in the field of Higher Education are highlighted and enriched.

Palavras-chave: Educação Superior; Salutogênese; Antroposofia.

Introdução

A presente proposta pretende abordar o tema saúde na Educação, trazendo o conceito de Salutogênese de Aaron Antonovsky (1923/1994), ampliando-o pela perspectiva antroposófica de desenvolvimento humano, no âmbito da formação universitária. Isto porque dentro da perspectiva holística e integral do ser humano, faz parte de sua formação profissional o desenvolvimento pessoal. Em qualquer curso de graduação se formarão profissionais, e é imprescindível o amadurecimento psicológico e emocional, visto que lidarão com um mundo dinâmico e vivo, independentemente da área de atuação. Nesse sentido, entende-se a importância de uma perspectiva que abarque o desenvolvimento de forças internas do próprio estudante para lidar, no presente e futuro, com fatos, imprevistos, dilemas, conflitos e adversidades do exercício de sua profissão.

Diante de tal proposição, nos perguntamos: é possível olhar para a Educação como promotora de saúde, no âmbito da formação profissional? Para alcançar esta resposta, pretendemos promover uma reflexão acerca do conceito da Salutogênese de Antonovsky, ampliado pela Antroposofia, de Rudolf Steiner (1861/1925). Para tal, realizamos uma pesquisa bibliográfica em livros, teses e artigos em diferentes bases de dados, a respeito do tema da Salutogênese, Educação e Saúde, bem como de autores antroposóficos.

Iniciando nossas reflexões, observamos de modo geral uma grande ferida no meio educacional pelo fato de a predominância estar sobre o paradigma patogênico, seja no aspecto orgânico do corpo, como também nas relações sociais e morais dentro das instituições de ensino. Um paradigma, ou uma racionalidade médica, “é um conjunto articulado de saberes e práticas que possuem seis dimensões interligadas [...]” (Wenceslau et al., 2014, p. 128). Essas seis dimensões envolvem a construção conceitual de uma morfologia e biologia do ser humano, bem como um sistema de diagnósticos e terapêuticas baseados em uma cosmovisão. A racionalidade vigente atualmente é a biomédica, na qual se baseia nos pressupostos mecanicistas do ser humano, “que ocupa uma posição hegemônica diante das demais na atualidade[...]” (Wenceslau et al., 2014, p. 128).

No campo educacional, há cada vez mais o predomínio do medo, da insegurança, da descrença, aspectos estes que enviesam para a doença, para situações estressantes e desestimuladoras e, até mesmo, inibidoras das forças humanas. Não necessitamos de uma reflexão profunda para olhar essa questão. Basta prestarmos atenção ao sistema educacional

vigente, à cultura vigente e ao sistema de saúde vigente para encontrarmos a nossa volta, em todo lado, crianças adoecendo, alienadas nas tecnologias, adultos adoecendo, com super cargas de trabalho e uma cultura sucumbindo aos eletrônicos, perdendo seu contato com o real, natural, social, artístico e individual. E “Quanto mais próxima a vida estudantil está no processo seletivo para o ingresso em faculdades e universidades, mais exígua é a chance de atividades artísticas e corporais encontrarem seu espaço” (Bach Jr., 2020, p. 3).

Em uma revisão bibliográfica com os termos Saúde, Educação e Salutogênese, pesquisas brasileiras dos últimos anos demonstram uma preocupação em levar ao âmbito da prática escolar a promoção de saúde, como mostram os estudos de Nascimento (2023); Cardoso et al. (2016); e Fazenda e Souza (2012), os quais apontam para estratégias e saberes durante a formação de professores sobre a promoção de saúde dos educandos em sala de aula. Também observamos o estudo de Schwingel e Araújo (2020), o qual identificou compreensões a respeito da prevenção e promoção de saúde dos professores, apontando para a importância da consciência destes no domínio de práticas pedagógicas que promovam a saúde nas escolas. Quanto à perspectiva específica da Salutogênese, os estudos mostram a importância de se observar e trabalhar pela ótica salutogênica a formação profissional, como revela a pesquisa de Marçal (2018), na qual procurou relacionar a saúde de professores com o Senso de Coerência de Antonovsky. Também, Conceição (2009) evidenciou a auto narrativa no processo de atuação profissional do terapeuta como uma fonte salutogênica. E Silva (2016) apontou para a eficácia de práticas integrativas na atuação profissional como fonte salutogênica aos participantes do sistema de saúde. Portanto, observamos no que tange ao tema saúde na formação profissional um foco voltado às práticas pedagógicas no âmbito escolar. E quanto à formação profissional e Salutogênese, a atenção se voltar para as práticas profissionais, levando integralidade já para o campo de atuação. Na promoção de saúde durante a graduação, onde o foco é o próprio estudante em formação, não há pesquisas sobre o tema de forma substancial, de modo que se torna necessário investigar a Salutogênese no processo de formação humana para a vida profissional.

Nesse sentido, encontramos perspectivas que ainda nos permitem acessar o ponto central do ser humano, a sua individualidade, que possibilitam desenvolver forças salutaras para o enfrentamento e solução de angústias da modernidade, transformando a realidade para futuras gerações. Portanto, esta proposta de reflexão pretende contribuir para uma mudança no paradigma patogênico diante das situações, atribuindo ao paradigma salutogênico uma fonte de atuação. No que tange ao paradigma salutogênico, Wenceslau et al. (2014) evidenciam a racionalidade antropológica como uma possibilidade. Segundo os autores, “O modelo de

ciência hegemônico é insuficiente para o aprendizado de uma medicina que aborde o ser humano em sua integralidade [...]” (Wenceslau et al., 2014, p. 129). Na Educação, corrobora Glockler (2021, p. 40-41),

Buscar por si próprios o caminho “para a verdade e o conhecimento”, tornar-se autênticos, aprender com a vida e para a vida – por meio de encontros com as pessoas e, por fim mas não menos importante, consigo mesmos –, eis a tarefa central dos educadores que desejam trabalhar visando ao desenvolvimento.

Diante desse olhar, pode-se oferecer melhores condições para o processo de formação dos graduandos e graduandas, conferindo ao desenvolvimento anímico e individual uma importância devida para o advento de sua atuação profissional.

A proposta salutogênica significa desenvolver forças salutares que permitirão aos indivíduos lidarem com os atributos da vida. A Salutogênese foi fundamentada no campo da Sociologia, pelo sociólogo Aaron Antonovsky, no século XX (Moraes, 2015), como produto de sua indagação de como e por que alguns indivíduos conseguiram sobressair-se de maneira satisfatória à experiência do campo de concentração nazista. Desse modo, identificou nessas pessoas aspectos biológicos e psíquicos aos quais permitiram-lhes responder satisfatoriamente a essa terrível experiência, não sucumbindo à doença e morte.

Em linhas gerais, a Salutogênese implica um conceito básico de Senso de Coerência (Moraes, 2015). Este Senso é permeado de três aspectos: a Compreensibilidade, na qual se compreende os possíveis motivos e porquês da experiência e/ou existência. A Significabilidade, que complementa a compreensão, na medida em que confere um significado contextual, temporal, dando sentido ao vivido. E o terceiro aspecto diz respeito à Manuseabilidade, que corresponde à habilidade de mover-se internamente, como resultado das reflexões anteriores, em busca de solução e/ou enfrentamento da situação. Nesse sentido, podemos adotar inúmeras perspectivas, as quais abordam estas questões, desde as mais biológicas, como produto quase exclusivo de reações químicas e fisiológicas do organismo para luta ou fuga, até as mais transcendentais, em que enfocam o valor divino e Universal para todo evento ocorrido. Destarte, adotamos a perspectiva antropológica, de Rudolf Steiner (1861-1925), para abordar a Salutogênese no campo educacional.

Com base nisso, esta pesquisa será pautada na concepção de ser humano de Rudolf Steiner. Qual é essa concepção? Trata-se, grosso modo, do ser humano tri/quadrímbrado (Steiner, 2012; 2013), portando um corpo físico, aos quais submete-se às leis físicas e químicas. É o que vemos na aparência externa, nariz, boca, mãos etc., e interna, a anatomia dos órgãos. Mas somente esta anatomia não proporciona ao indivíduo sua vida, seu crescimento... É

necessário um elemento de ordem suprasensível, que ‘insufla’ vida, manifestado na respiração, circulação sanguínea, digestão, crescimento, ou seja, em sua fisiologia. Steiner denominou este membro da constituição do ser humano como corpo vital ou etérico (Steiner, 2012). Mas, para o ser humano ser senciente, é necessário um outro membro atuante de ordem anímica/espiritual, conferindo-lhe as sensações e sentimentos ao vivido, seja por ordem do corpo físico/etérico ou de ordem ainda superior. Nesse caso, Steiner refere-se ao corpo astral, o qual também pode ser influenciado pelo Eu propriamente dito, esta ordem superior, o seu quarto e último membro constitutivo. Somente este membro puramente espiritual, é que permite ao ser humano elevar-se da Natureza, promovendo-lhe o pensamento, consciência e autoconsciência.

Em um ser humano vivo, esses quatro constituintes estão em íntima e total relação entre si, a denominada quadrimembração do ser humano. Do mesmo modo, a quadrimembração está em uma relação íntima com o ambiente externo físico espacial e temporal, com as atribuições do pensar, sentir e querer, denominada trimembração do ser humano.

Sim, vejam os senhores: a pessoa de cinquenta anos e a criança de oito, nove anos devem ser vistas como um todo, pois forma um só ser. Nós teremos de saber o que será de algo que fizermos com a criança após quarenta, cinquenta anos, pois a vida é uma unidade, a vida é uma coisa só. Apenas conhecer a criança não é suficiente; nós temos de conhecer o ser humano (Steiner, 2013, p. 6-7).

Portanto, nessa concepção, a Salutogênese se depara com um ser humano integral: físico, temporal e eterno. As forças de compreender, significar e agir dependerá da integralidade/relacionamento entre esses aspectos. As questões de saúde e doença perpassam esses âmbitos de maneira individual.

Temos, desse modo, uma imagem do ser humano, e Moraes (2015) observa a concepção de Steiner no que se refere à ‘Imagem Sadia’ do ser humano. Segundo o autor, essa colocação de Rudolf Steiner demonstra uma perspectiva na qual se ancora a Salutogênese: desenvolver essa Imagem Sadia do ser humano como um ideal, visando suas forças sanadoras e não as doências.

Antes mesmo dos *insights* de Antonovsky, as propostas de Rudolf Steiner já tinham este espírito, tanto na educação quanto saúde, e também no extremo valor que ele depositou sobre a arte, assim como a partir de sua colocação de uma Imagem Sadia do ser humano como referência universal (Moraes, 2015, p. 226)

A partir desta fundamentação, para se abordar a Imagem Sadia do ser humano é necessário um pensamento plenamente desenvolvido, ao menos em sua potencialidade, para

que seja acessado a compreensibilidade, a significabilidade e manuseabilidade de maneira autônoma. Estamos falando de adultos a partir de 21 anos.

De acordo com a Antroposofia, esse período da biografia humana compreende o início da autoeducação. Ancorada na concepção de desenvolvimento em setênios, os três setênios anteriores (0 a 21 anos) foram designados para o desenvolvimento corpóreo e a educação provinda de fora. A partir do quarto setênio, inicia-se o desenvolvimento anímico e, portanto, a autoeducação.

E aqui vale e, é importante, experimentar tudo. Essa é a fase na qual o ser humano é mais emotivo e intenso em relação a todos os âmbitos: profissional, pessoal, social etc. Essa percepção do mundo é similar a de uma criança e vai servir de lastro para alcançar uma compreensão maior na maturidade, pois não há verdadeiro entendimento se não existe a vivência (Almeida, 2016, p. 22).

No que tange ao âmbito profissional, corrobora Burkhard (2010, p. 92) “esta fase tem por tônica o desenvolvimento de habilidades técnicas. Temos de aprender a trabalhar; realizar várias tarefas e, pelo exercício delas, fazê-las bem, adquirindo novas habilidades”. Portanto, compreendemos este se tratar de um momento muito especial na vida dos jovens adultos, aos quais já possuem como ferramenta fundamentada o pensar para a autoeducação; e, ainda, “para se compreender todos os desvios e patologias, precisamos entender e estar seguros a respeito do desenvolvimento regular” (Almeida, 2016, p. 12). Ao termos isto em vista, é possível pensar e refletir sobre uma proposta integralizada da formação humana para o âmbito da Educação Superior, ou seja, uma proposta salutogênica.

Metodologia

Para o empreendimento deste trabalho utilizamos como método a pesquisa bibliográfica, compreendendo “[...] um conjunto ordenado de procedimentos de busca por soluções, atento ao objeto de estudo, e que, por isso, não pode ser aleatório” (Lima e Miotto 2007, p. 38). Optamos por tal método de busca pelo fato da nossa intenção estar vinculada a uma proposta de reflexão, levantando dados e posições acerca do tema da Salutogênese no campo educacional, visto que a pesquisa bibliográfica permite um ramo de atuação exploratória que abarca a relação entre a teoria e a realidade. Desta forma, a primeira relação que se estabelece é com o tempo, visto que a bibliografia nos permite compreender o objeto de estudo temporalmente, seja no tempo passado e/ou que pode ser modificado futuramente. Também se estabelece relação com o

espaço, de maneira que envolve a sociedade, enquanto consciências que dão significado e intencionalidade na prática, promovendo a construção teórica.

Por outro lado, a pesquisa bibliográfica estabelece a relação com o individual, de modo que revela uma identidade com o individual do pesquisador, aquele no qual se empenha por responder à sua questão. Do mesmo modo se relaciona com o mundo, uma vez que a pesquisa busca responder e trocar informações concernentes a visões de mundo, a cosmovisões. E para responder qualquer questão teórica, deve relacionar com o social, compreendendo a dinâmica viva na qual a sociedade se constitui, em seu passado, presente e devir.

Para tal método, então, a objetivação da pesquisa requer o máximo de atenção. “A única forma de objetivação possível, nesse processo, consiste no “repúdio a neutralidade”, o que exige atenção do pesquisador para “reduzir os juízos de valores” ao máximo” (Lima e Miotto, 2007, p. 39).

Com base nesta concepção de método, apresentamos a narrativa teórica da Antroposofia, com a qual procurar-se-á veicular a concepção de mundo e ser humano com a proposta da Salutogênese, como forma de possibilitar uma reflexão acerca da promoção de saúde no ensino superior. Compreender a narrativa teórica significa “que existem diferentes modos de entender a realidade [...]” (Lima e Miotto, 2007, p. 39).

Nesse sentido, como fonte para a revisão bibliográfica, escolhemos, inicialmente, as palavras Saúde e Educação como termos de busca nas bases de dados Scielo e Oasis, enfocando artigos, dissertações e teses. E como técnica de busca, utilizamos os termos booleanos e marco temporal de pesquisas dos últimos dez anos. Na primeira busca, escolhemos quatro estudos; o motivo para tal escolha se deu pelo conteúdo abarcar diretamente Saúde e Educação. No segundo momento, acrescentamos a palavra Salutogênese, ampliando a primeira busca, com o intuito de focalizar melhor a relação entre esses três aspectos. Escolhemos três trabalhos que relatavam sobre a Saúde e Salutogênese na Educação. O método que utilizamos para a escolha dos trabalhos foi a leitura dos resumos.

No que diz respeito aos materiais encontrados sobre a Salutogênese e Antroposofia, encontramos dois, aos quais foram lidos na íntegra, a fim de compor o aporte teórico para a discussão e reflexão, compreendendo nosso objeto de estudo. Acompanhado desse processo, foi realizada a leitura na íntegra, também, de livros de autores antroposóficos para fundamentar nossa perspectiva, sendo seis livros (Almeida, 2016; Burkard, 2010; Glockler, 2021; Moraes, 2015; e Steiner, 2012; 2013).

Para a análise, utilizamos como recurso a leitura interpretativa; como definem Lima e Miotto (2007, p. 41), “implica na interpretação das ideias do autor[es], acompanhada de uma

interrelação destas com o propósito do pesquisador [...]. O critério norteador nesse momento é o propósito do pesquisador”.

Resultados

A partir da perspectiva antropológica sobre Salutogênese e com base na pesquisa bibliográfica, encontramos duas pesquisas pertinentes para se pensar saúde na Educação: a pesquisa de Garcia da Costa (2017), na qual fundamentou as relações entre Salutogênese e Pedagogia Waldorf; e de Bach Jr. (2007), que abordou o tema da Educação Estética de Rudolf Steiner e suas imbricações para a Educação Ecológica.

Nesta última, Bach Jr. (2007) traz a questão da Ecologia a partir de uma percepção do fenômeno vivo e dinâmico das estruturas que nos rodeiam, produzindo, desta maneira, um pensar que também se torna vivo. Ou seja, os lugares, espaços e seres ganham vitalidade, entusiasmo, de modo que o meio cultural – ambiente e social – ganham uma identidade da qual emanam suas próprias forças nos fenômenos, permitindo nos identificarmos e criar laços afetivos com estes. Trata-se de uma Educação Estética, ou por meio do sentimento, que tem por resultado uma Ecologia Humana (Bach Jr., 2007). Segundo Moraes (2015), o termo “Ecologia Humana” designa uma perspectiva interdisciplinar para abordar os fenômenos de relações entre seres humanos, a natureza e cultura, observando o papel do ser humano entre predador ou guardião perante seu meio externo de maneira geral. Bach Jr. (2007) abordou a Educação Estética como promotora da Ecologia Humana, utilizando-se de imagens como fonte de desenvolvimento humano. “A imaginação é uma ideia primordial concebida na experiência estética da Pedagogia Waldorf como catalisadora de vivências de unidade, pela abrangência do todo que ela possibilita.” (Bach Jr., 2007, p. 65). A partir de imagens provindas de contos, poemas, músicas, ou seja, provindas das palavras, o professor proporciona conteúdos que desenvolvem o senso de unidade entre as crianças e o meio ambiente natural, cultural, social e moral, ou seja, uma Ecologia Humana.

Essa proposta ecológica abrange, igualmente, a formação dos adultos. Pois, segundo Bach Jr.

Os desafios aqui apresentam-se ao adulto que está frente às crianças, porque ele é o catalizador das forças vivificadoras. É em si mesmo que o professor resgata o imagético do pensar tornando-o fértil e móbil, um pensar humanizado que nada contra a correnteza da alienação, da formatação e da produção em série de pensamentos adestrados pela racionalidade econômica-industrial (Bach Jr., 2007, p. 40).

O autor defende a Educação Estética, baseada na Antroposofia, como um processo de desenvolvimento que possui como ponto fundamental a vida afetiva dos indivíduos, de modo que a Ecologia Humana está vivificada no Individual, como fonte de relação com o mundo, tornando-se uma Ecologia Ambiental, na relação com a biosfera, e Social, no encontro com o outro. “Como poderíamos ensinar sobre estar no mundo, sobre a relação com a natureza, com o outro, se não amamos a vida?” (Bach Jr., 2007, p. 207).

Corroborando com essa perspectiva, a pesquisa de Garcia da Costa (2017) demonstrou indícios de congruências entre o Senso de Coerência, de Antonovsky, e a proposta pedagógica de Rudolf Steiner, na medida em que a compreensibilidade, significabilidade e manuseabilidade como forças para a superação de conflitos, correspondem às forças do pensar, sentir e agir, no campo da Educação Waldorf, forças estas promotoras do desenvolvimento saudável. Desse modo, segundo a autora, a Pedagogia Waldorf é capaz de promover saúde, uma vez que sua base Antropológica Antroposófica confere ao currículo Waldorf a oportunidade de desenvolver as capacidades para o pensar, como fonte de compreensibilidade; sentir, como fonte da significabilidade; e querer, como fonte da manuseabilidade. Conclui que a proposta da Pedagogia Waldorf é uma proposta Salutogênica.

Esmiuçando essa pesquisa, identificamos a maneira pela qual a PW¹ explora o pensar de modo que ele se torne um pensar criativo. Nesse sentido, relacionamos com as ideias de Bach Jr. quanto à Educação Estética, pois a autora Garcia da Costa (2017) observa que para que o pensar se torne criativo é necessário mobilizar forças para além do sistema neurossensorial; trata-se, com efeito, das forças do sentimento (Educação Estética), movidas pela vontade do próprio ser humano. Isto significa que para que haja um pensamento criativo é necessário ter a vontade vigorosa imbuída de sentimento. Nas palavras de Garcia da Costa (2017, p. 58) “É preciso buscar por clareza e pensamentos vivazes, e isso depende de orientação (educação) e vitalidade (saúde)”.

Destarte, confere-se ao pensar um forte significado para a saúde, seja anímica e física dos seres humanos, uma vez que por meio da atividade pensante é possível objetivar os sentimentos em relação com a realidade, proporcionando uma reflexão adequada à situação, dando um sentido e possibilidades de soluções ao vivido.

Essa premissa é coincidente com a proposta da Salutogênese, que se conduz pelo que Antonovsky (1997) denomina de “Senso de Coerência”, formatada pelas experiências de vida que dão suporte à superação de situações de conflito, dirigindo os indivíduos para enfrentamentos e soluções (Garcia da Costa, 2017, p. 58-59).

¹ Pedagogia Waldorf.

Portanto, a proposta Salutogênica da PW diz respeito ao desenvolvimento de um pensar claro, objetivo e criativo. No entanto, note-se bem, que para se alcançar este nível do pensar, a PW contempla o desenvolvimento integral do ser humano, abarcando seus aspectos físicos, anímicos e espirituais, ou seja, a Imagem Sadia do Ser Humano. Isto nos quer dizer que durante o período da vida há experiências reais e simbólicas, sobretudo, as crises, nas quais lidamos ritmicamente como forma de aprender e crescer (Garcia da Costa, 2017). De acordo com Bach Jr. (2020, p. 8)

As experiências não são o termo final, mas tão somente o ponto de partida. Na linguagem de Steiner, o corpo é o aparato que fornece impressões, graças a ele o mundo exterior pode ser captado e transformado em dados, porém, isso é pouco. A alma, ou o mundo da interioridade humana, colhe as impressões (os dados sensoriais) e as vive em si como sensações, emoções; enquanto o espírito humano elabora esses conteúdos interiorizados e quer transformar o mundo.

A essas experiências como fonte da vida anímica e espiritual a Salutogênese vem ampliá-las, de modo a acrescentar forças de saúde aliadas as de desenvolvimento.

Atravessar essas ‘crises’ de maneira coerente, o que equivale dizer bem orientados e conduzidos pela família, pela escola etc., permite ao indivíduo viver uma vida saudável, o que não significa ausência de conflitos. Pelo contrário, significa estar preparado da melhor forma possível para lidar com eles (Garcia da Costa, 2017, p. 63).

Portanto, encontramos nessas pesquisas elementos que conduzem a um olhar para a Educação como fonte de saúde. Pois elas revelam que trabalhar com o mundo dos sentimentos, a partir de imagens, influencia na forma de observar e se relacionar com o mundo, e dentro do âmbito educacional significa muito mais que somente tratar conteúdos de maneira intelectual. As imagens produzem efeitos expansivos da consciência; abarcam muito mais que conceitos abstratos, pois relaciona conteúdos intelectuais com experiências vividas, sensações e sentimentos, em que o resultado só pode se dar em uma imagem do mundo. “Em outras palavras, a concepção de educação de Steiner se insere na perspectiva da *Bildung* – a formação humana – como projeto educativo tencionando a vida em suas diversas facetas e dimensões” (Bach Jr., 2020, p. 5). Desta forma, esse trabalho pedagógico resulta em saúde, compreendendo esta como força desenvolvedora da individualidade integral do ser humano. Ou seja, empreende o trabalho de desenvolver não somente o intelecto, mas também os outros constituintes do ser humano, a saber, seus sentimentos, sua vontade e sobretudo, sua individualidade, de modo que

para o relacionamento com o mundo exterior, são com essas premissas, ou seja, forças, que o ser humano lida com a vida. Então, “pensamentos (assim como qualquer ação) não devem ser apropriados pelo aluno em sala de aula sem conexão com o sentimento pessoal, e jamais sem um sentimento acerca do contexto, acerca do que se trata e de por que faz sentido saber ou não” (Glockler, 2021, p. 43).

Compreendemos, então, que a Pedagogia Waldorf se mostra como um recurso pedagógico para se proporcionar saúde no âmbito da Educação, por meio do sentido estético, artístico e experiências direta com a natureza, com o corpo, com os sentidos físicos (Bach Jr., 2020). Pedagogia Waldorf e Salutogênese alinham-se em um mesmo percurso, pois “a proposta é auxiliar o ser humano, num desenvolvimento integral, a construir uma visão de mundo, onde o indivíduo encontre significado, compreensão e identificação de habilidades, processos essenciais, que dão suporte à manutenção e promoção de saúde” (Garcia da Costa, 2017, p. 103). E no âmbito da Educação Superior, o jovem lida com sua potencialidade pensante de forma autônoma; enquanto na criança essas forças estão em crescimento, no jovem adulto estão em vigor, autonomamente, esperando uma oportunidade da individualidade para acessá-las, com pretensas intenções de atuação. Nas palavras de Bach Jr. (2020, p. 10),

A filosofia da educação de Steiner absorve essa problematização do atuar humano frente às possibilidades de educar para a ampliação das capacidades perceptivas, aliando estética e cognição, para a elevação do papel humano no mundo através do sublime como cultura, para abrir espaço ao sujeito como fonte de singularidade em seu cultivar-se, para fundamentar a educação nos valores da multiplicidade da experiência e na diversidade da intersubjetividade, para tornar a diversidade o contraponto do cultivar-se, como força de singularidade e que configura a unidade do sujeito.

Conclusão

É possível olhar para a Educação como promotora de saúde, no âmbito da formação universitária? Diante desta pesquisa podemos dizer que sim; ao realizarmos um percurso que se inicia no paradigma patogênico, como uma racionalidade médica hegemônica que determina muito mais do que métodos e diagnósticos clínicos em saúde, mas também modos de perceber o mundo, alcançamos a perspectiva salutogênica como uma fonte de mudança de paradigma. Identificando e desenvolvendo forças internas ao próprio indivíduo, aos quais foram construídas com base em sua constituição de vida, permite-se desenvolver qualidades intrínsecas à compreensão, significado e enfrentamento das situações, ao que chamamos de saúde.

Observando o campo educacional, então, encontramos na Pedagogia Waldorf o aparato teórico alinhado ao paradigma salutogênico, uma vez que compreende e dá a devida importância aos aspectos internos do ser humano como fonte de desenvolvimento saudável, para além do aprendizado intelectual. Desenvolvendo o pensar, sentir e querer como forças e não conteúdos, proporcionam o desenvolvimento da individualidade, de modo que é o Eu quem utiliza de suas próprias capacidades de pensamento, sentimento e vontade. Um ponto fundamental nesta pedagogia é, portanto, o desenvolvimento do sentimento, como a força que une aquilo que se compreende com o que se vive, unindo o intelecto com a vontade. Na Salutogênese a saúde provém desta compreensão, alcançada pelo pensar. Na Pedagogia Waldorf, este pensar deve se tornar criativo, e para tal deve-se abarcar a vida dos sentimentos e sensações com a força da vontade, corroborando com a perspectiva salutogênica.

Nessas perspectivas, a Educação Superior torna-se um campo fecundo para o desenvolvimento da saúde, de modo que com a perspectiva salutogênica para a Educação permite-se aos estudantes desenvolverem suas capacidades intelectuais profissionais em relacionamento com o mundo por meio da atividade senciente, criando uma imagem deste, no qual irá atuar como ser profissional. A partir da compreensão e significado de sua formação profissional, o resultado só pode se dar em uma vontade vigorosa de atuar.

Portanto, para o intento dessa proposta, ao que cabe nestas páginas, acreditamos estar cumprido nosso papel; no entanto, ressaltamos a importância de pesquisas nesta área, de modo que se evidenciem e enriqueçam as reflexões sobre a prática salutogênica antropológica no campo da Educação Superior.

Referências

ALMEIDA, K. E. de. **Biografia humana: entre o nascimento, a morte e um novo nascimento**. Campinas, SP: Associação Beneficente Três Fontes, 2016.

BACH JR. J. **Educação Ecológica por meio da Estética na Pedagogia Waldorf**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2007.

_____. O Autocultivo e a Educação da Sensibilidade na Pedagogia Waldorf. **Eccos – Revista científica**, São Paulo, n. 53, p. 1-16, abr./jun. 2020.

BURKHARD, G. K. **Tomar a vida nas próprias mãos: como trabalhar na própria biografia o conhecimento das leis gerais do desenvolvimento humano**. 4º ed. São Paulo: Antroposófica, 2010.

CARDOSO, C. L. & KUNZ, E.; CUNHA, A. C. Fundamentos antropológicos do se-
movimentar: Percepção, movimento e salutogênese. **Rev. Port.
Educação** vol.29 no.1 Braga jun. 2016.

CONCEIÇÃO, A. M. **Salutogênese e narrativas autobiográficas**: dimensões experienciais de
saúde integral na atualização do terapeuta. Dissertação (mestrado em Psicologia) –
Universidade de Fortaleza UNIFOR, Fortaleza, 2009.

FAZENDA, I. C. A., & SOUZA, F. C. de. Diálogos Interdisciplinares em Saúde e Educação: a
arte do cuidar. **Educação e Realidade** [S. l.], vol. 37, n. 1, p. 107-124, 2012.

GARCIA da COSTA, E. M. **Saúde na educação**: indícios de congruências entre Salutogênese
e Pedagogia Waldorf. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade de Sorocaba, Sorocaba,
2017.

GLOCKLER, M. **Educando para a vida**: o ambiente educacional e escolar como local de
desenvolvimento saudável: experiências da pedagogia Waldorf para a educação no século XXI.
São Paulo: Ad Verbum Editorial, 2021.

LIMA, T. C. S.; MIOTO, R. C. T. Procedimentos metodológicos na construção do
conhecimento científico: a pesquisa bibliográfica. **Rev. Katál.** Florianópolis v. 10, n. esp., p.
37-45, 2007.

MARÇAL, C. C. B. **Salutogênese na promoção da saúde da voz dos professores**. Tese
(doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2018.

MORAES, W. A. de. **Salutogênese e auto-cultivo**: uma abordagem interdisciplinar: saúde,
educação e qualidade de vida. Belo Horizonte: ABMA – Associação Brasileira de Medicina
Antroposófica, 2015.

NASCIMENTO, K. A. S. do. Saúde e Educação: o que revelam os currículos dos cursos de
Pedagogia. **Educ. Form.**, [S. l.], v. 2, n. 5, p. 1-17, 2017.

SILVA, J. O. R. da. **Dança circular como prática integrativa e complementar**: contribuições
para a promoção da saúde. 2016. Dissertação (Mestrado Profissional em Saúde da Família),
Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2016.

STEINER, R. **A educação da criança**: segundo a ciência espiritual. 5º ed. São Paulo:
Antroposófica, 2012.

_____. **A Arte de educar baseada na compreensão do ser humano**. 2º ed. São Paulo:
Antroposófica: Federação das Escolas Waldorf no Brasil, 2013.

SCHWINGEL, T.; ARAÚJO, M. Compreensões de educação em saúde na formação inicial e
continuada de professores. **Revista Insignare Scientia**, v. 3, n. 2, p. 368-385, 25 ago. 2020.

WENCESLAU, L. D.; ROHL, F.; TESSER, C. D. **Contribuições da medicina
antroposófica à integralidade na educação médica**: uma aproximação hermenêutica.
Interface, Botucatu, 18(48), p.127-38, 2014.